

## **Holdemar Menezes: quase auto, quase bio, uma grafia**

*Abele Marcos Casarotto*  
Mestrando em Literatura - UFSC

### **Introdução**

É sempre angustiante estabelecer os limites ao escrever sobre um determinado tema, principalmente em um espaço de tempo estabelecido, ou seria a única forma de escrever? Não sei, só sei que muitos dos meus escritos foram produzidos a base da pressão. Seria esta uma verdade? Holdemar<sup>1</sup> que me ajude:

O Coronel manda dizer que as minhas palavras doem como chicote, porque eu sou um cara que falo pouco, um cara caladão. Que eu não me meto na vida dos outros, com os problemas dos outros, embora tudo veja, tudo observe, tudo anote. Talvez não seja uma verdade a análise do Coronel.

Entretanto, esse problema de verdade não é muito fácil da gente explicar ou definir. Essa dúvida vem de antes de Pilatos, e ele mesmo não a escondeu. Quando Jesus lhe disse ‘todo aquele que é da verdade ouve a minha voz’,

Pilatos lhe indagou: “Que é a verdade?” (Jo 18:37-38).

Jesus, como todo sábio, preferiu se calar. Fugiu da definição, da explicação solicitada por Pilatos. Deixou que o julgador tirasse suas próprias conclusões. Eu teria feito a mesma coisa, e quase sempre o faço. Quando não sei definir uma palavra, mesmo sem o exemplo do mestre, me calo.

Não sendo possível calar, resolvi não ser convencional ou seguir os princípios que regem às apresentações de trabalhos na academia, escrevo o texto em primeira pessoa, assim talvez, a palavra venha com maior facilidade, mas porém, será mais comprometedor, estarei mais exposto a crítica ou a censura.

Transcorri longo caminho desde a idéia inicial deste texto até a sua conclusão. Utilizo a palavra conclusão no sentido de estar situado num espaço, e não aceito de forma definitiva e fechada. Muitas leituras foram indicadas e muitas outras realizadas, a partir delas optei em refletir sobre a biografia e autobiografia, mais especificamente em apresentar uma biografia ou um recorte biográfico de um nome próprio público.

na biografia, trata-se, por definição, do nome próprio público, logo um nome que vem junto com a sua tradição: o indivíduo que tem nome é esse aglomerado, aberto, de versões que o pasteurizam, e, paradoxalmente, particularizam, configuram-lhe uma vigência atual. Quanto ao corpo, na biografia, ele é sempre uma imaginação, corpo virtual, pré-fotografado; por isso mesmo, está preso à personagem, ao nome próprio, que lhe garante existência, ainda que instantâneo e variado de coisa imaginada. Contar história de um indivíduo que, no mesmo movimento, não existe como tal. No mesmo movimento que o

faz existir individualmente. Ser capaz de construir-se sobre essa indecisa situação é uma prova de fogo da biografia.<sup>2</sup>

O nome público é o do escritor cearense/catarinense Holdemar de Oliveira de Menezes (1921-1996).

Surgiram várias fontes para a coleta do material a ser analisado, como entrevistas com escritores, familiares, companheiros de festas e de profissão, leituras das correspondências emitidas e recebidas, entrevistas concedidas, recortes de jornais, entrevistas com leitores e as suas publicações. Como toda a biografia é trabalho de interpretação dos rastros deixados pelo biografado lancei-me neles, por vezes, a luneta embaçava.

Conforme Leite:<sup>3</sup>

Toda biografia é trabalho de interpretação e, portanto, de imaginação criadora. Por isso, nenhuma biografia é definitiva, e sempre será possível refazê-la, a partir de dados basicamente iguais, pois todo biógrafo faz viver o biografado, mais ou menos como o ficcionista faz viver as personagens de sua imaginação.

Como fonte para a coleta dos dados escolhi a própria obra literária do escritor e as entrevistas concedidas à imprensa, com o objetivo de ficar mais próximo dos fatos ocorridos ou supostamente ocorridos, considerando que “ninguém diz tudo a respeito de si mesmo, e a verossimilhança e o sentido de uma vida dependem de critérios que são dados, diretamente, pela ação”.<sup>4</sup>

Lancei-me à (re) leitura dos livros publicados por Holdemar Menezes, - crônicas, contos, romances, ensaio crítico - e publicações a seu respeito. Não satisfeito com o material publicado em livros recorri a recortes de jornais, correspondências e revistas disponíveis na Academia Catarinense de Letras e Biblioteca Central

Holdemar Menezes:...

da UFSC, com o material reproduzido procurei selecionar o que vinha de encontro ao proposto, relatos que transpareciam ser a sua autobiografia ou que o autor deixava transparecer ser.

São vários os textos autobiográficos de Holdemar Menezes, são crônicas e contos publicados na imprensa que lembram a sua infância e a vida em São Francisco do Sul, os quais são reunidos e publicados em forma de livros. Encontrei, também, em seus romances textos que transparecem a sua autobiografia, ou rastros de autobiografia, como por exemplo:

tenho tido dificuldades em escrever o capítulo em que sou, também, personagem, pois ele pretende ser muito revelador, muito pessoal, e não é fácil um escritor abrir todas as suas guardas: deixar transparecer toda sua carga de sofrimento, frustrações, ressentimentos, todo seu ódio e desamor.<sup>5</sup>

Por vezes a confusão ocorria, mas a biografia é também uma visão de quem escreve, segundo Holdemar “autor se confunde com seus próprios personagens e se utiliza dos seus próprios sonhos, dos seus desejos irrealizados, para criar espantosas situações”<sup>6</sup>. Ainda citando o autor em *Os residentes*:

Mas, como eu dizia, de uns dias para cá, cheguei a um impasse, que me tem sido duro vencer: falar de mim mesmo, da minha vida, das minhas lutas, das minhas alegrias, tristezas, do meu ódio incontrolado, da minha carência de amor. E isso porque, na novela, eu também sou personagem.

A ficção nasce de um parto difícil, meu jovem, suado, doloroso, sangrento. Os leitores não são capazes de diferenciar o ficcional do verdadeiro. Até mesmo os autores, quase sempre, confundem as duas coisas: se perdem entre a realidade e a ficção, misturam as duas

coisas.<sup>7</sup>

O relato da minha leitura da vida de Holdemar Menezes apresenta-se dividido em quatro seqüências, nem sempre ordenados cronologicamente, a primeira relaciona os fatos da sua infância e recordações. A segunda o período em que viveu no Rio de Janeiro, a bela época de estudante. A seguinte procura apresentar fatos quando da saída do Rio e a chegada em São Francisco do Sul. A última está relacionada com a produção literária. O apresentado e (re) grafado são retirados de suas entrevistas, crônicas, romances e ensaio crítico. Procurei conservar literalmente o seu texto. Por vezes, cometi alguns “sacrilégios”. Mudei alguns pronomes, conjunções ou sentenças para que a seqüência fluísse melhor, pois apresentavam-se em locais diferentes. Quero crer ter conservado a essência das suas idéias.

Não tive a intenção de apresentar um trabalho original, no sentido de emergir de reflexões isoladas e apresentadas pela primeira vez. Ele é o resultado da leitura de mundo e da palavra de Holdemar Menezes, as quais entrecruzam-se para surgir a minha leitura, não original e nem tampouco acabada.

### *A vida vivida*

Abro a janela e olho para lá do horizonte. Vejo o sol surgindo de dentro das águas. Estou no meio da grande orla côncava. É muito cedo ainda, mas este sol é danado de madrugada. Esta paisagem não me é desconhecida: tive-a menino, em Fortaleza.<sup>8</sup>

Não tenho fixação na infância. Não sofro com saudades dela. A infância é mais um mito do que uma perda irreparável. Mas, fui um menino normal, dentro da classe média ansiosa em galgar postos de mando, de conquistar fama e riqueza. Quando penso na infância, penso em Aracati, a cidade do Ceará onde o Jaguaribe, o maior rio seco do mundo, depois de percorrer 800 quilômetros de inanição, ainda consegue desaguar no oceano.<sup>9</sup> O Jaguaribe nasce lá perto do Piauí e vem entregar-se ao mar em Aracati, num estuário mais bonito que o estuário do São

Holdemar Menezes:...

Francisco.<sup>10</sup>

Ter sido criança, para mim, é ter morado em Aracati. Lá fiz o Curso Primário, tomei banho de chuva, nu, pelas ruas pavimentadas com capim-de-burro. Minha infância é também a fazenda do Major Francisco Joaquim Venâncio, meu avô materno. E todos sabem dos privilégios de uma criança numa fazenda, mesmo que em uma fazenda situada no polígono das secas.<sup>11</sup>

Aracati, mesmo ao tempo da minha longínqua infância, já se destaca das demais cidades do Estado por sua sociedade organizada e bairrista, pelo amor à música, ao teatro, ao jornalismo, ao ensino público e privado, ao folclore. Era importante ter nascido em Aracati, ter morado em Aracati. Era como fazer parte de uma elite.<sup>12</sup>

Quando tomei ciência de meu pai, era ele jornalista, proprietário de jornal, dono de livraria/papelaria, produtor ensaísta de teatro amador, soprador de bombardino na banda municipal, inflamado orador. Minha mãe, uma mulher belíssima, de olhos verdes, vinha do meio rural; filha de fazendeiro do município de União, hoje Jaguaruna. O casal teve dez filhos, dos quais apenas seis se tornaram adultos.<sup>13</sup> Se viva fosse, quantos netos teria para beijar a cabeça branca, quantas lágrimas teria chorado durante a caminhada dos filhos? E o que diria aos netos que lhe deu o filho médico, eles que nunca se aperceberam que, anos atrás, o amor e as flores feneceram numa noite de maio? O que lhes diria ela? E ao próprio médico, impotente diante dos seus sofrimentos e da sua agonia?

Maior passou, mês em que ela morreu. Setembro chegou, mês do seu nascimento. Um ciclo de recordações amargas, entretanto de outras tantas recordações ternas, que fazem cada filho retornar à infância por imperiosa necessidade de carinho e ternura.<sup>14</sup> Dois de nós moramos na Lagoa da Conceição, o que é um privilégio: eu e o musicólogo Holbein Menezes, que é casado com a artista plástica Jarina. Dos irmãos, apenas um nasceu mulher - mora em Brasília e é enfermeira pela Ana Neri, do Rio. O caçula, Flávio, que é personagem de um conto meu, permaneceu na

província para defender a bandeira dos Menezes.

Meu pai era jornalista, dono de três jornais, em épocas diversas. Além disso, ensaísta, teatrólogo, orador primoroso, homem de permanentes leituras, de conhecimentos comprovados da língua. Matriculou-me, já no ginásio, em escola de datilografia, apenas com a finalidade de ter-me como seu datilógrafo particular. Ele escrevia a mão, numa letra ilegível, centenas de laudas. E eu, com preguiça e medo, tinha que passar aquilo tudo para a letra de forma. Depois, tínhamos os dois, que corrigir o texto: ele lendo os manuscritos e eu conferindo o datilografado. Sobrava para mim, claro, que tinha que passar tudo a limpo, em nova cópia, como exigia o pai e patrão. Só uma peça de teatro, de nome Veneno, me deu mais trabalho do que tudo quanto escrevi até hoje. Havia, na opinião dele, erros imperdoáveis, que só um analfabeto podia cometer... Acredito que era bem possível mesmo.<sup>15</sup>

A memória é um porão onde se escondem os desejos contidos, as recordações afastadas. É uma caverna atulhada de peças abandonadas, mas que ainda são nossas.<sup>16</sup>

De Aracati, a família foi residir em São Bernardo das Russas, no Baixo Jaguaribe, visto que o velho Ezequiel fora nomeado prefeito daquela florescente cidade, às vésperas da Revolução de 30. Terminada a intervenção, creio que em 1936, fomos morar em Fortaleza, pois não havia ginásios, à época, no interior. Meu pai desejava os filhos estudando, e minha mãe não aceitava separar-se deles. A solução, portanto, seria a mudança para a Capital, o que de fato aconteceu. Daí por que já entrei meio velhinho no ginásio - sou de 1921, estava com 15 anos...<sup>17</sup>

Guardo da remota infância duas emoções marcantes: meu primeiro dia de aula na escola de Dona Francisca Clotilde e o empastelamento de A Região, jornal de meu pai. Ainda sonho com os capangas destruindo as máquinas, virando as caixas de tipo, inutilizando as resmas de papel, numa tentativa de fazer calar a voz do único jornal de oposição do Vale do Jaguaribe.<sup>18</sup> Já disse em outra oportunidade, mas nunca é demais relembrar um fato agradável. Na perda da infância, ao ver morto o homem, que

Holdemar Menezes:...

tentara fazer meu pai engolir o editorial que denunciava o contrabando do chefe político, ao ver o homem enterrado na lama do rio, com o crânio esfacelado por cabo de remo, fui tomado de um contentamento estranho e altamente gratificante.<sup>19</sup>

Pelos mares de minha infância cruzaram navios de todas as nacionalidades. Apanhava o binóculo do Velho e os inspecionava demoradamente, até se perderem de vista. Foi assim que aprendi a identificar as bandeiras estrangeiras. A mais linda, para mim, era a inglesa, talvez porque achasse muito bonita a filha do Cônsul, curtisse por ela um amor secreto.<sup>20</sup>

O tempo constrói e destrói sua seqüência mecânica, com o passar dos anos, o passado é mais dominador do que o presente.<sup>21</sup>

Nos meus tempos, longínquos tempos de fazenda, o luar era uma coisa muito esperada, muito admirada, pois iluminava os pastos, os descampados, as estradas sem luz elétrica ou de querosene. O luar dava uma grandeza muito grande - e muita beleza também - aos domínios da fazenda colonial.

Na cidade, para que luar? Há quantos anos não sei o que é um luar? Sei não. Tenho o privilégio de morar em cima ou nas encostas dos morros, ou beira do mar. Moro numa baixada úmida, espremido entre casas por todos os lados. Sem jardim, sem quintal, sem janelas para o horizonte. Sou um bicho de cidade.

Sou um bicho que vai perdendo a visão para as coisas bonitas...<sup>22</sup> Dizem, e eu não desminto, que eu falo de um tempo que já deveria estar sepultado.<sup>23</sup>

São recordações que esta manhã de sol provoca, que este mar imenso estimula, até porque somos escravos do passado e recordar faz bem, rejuvenesce.<sup>24</sup> Porque no final, é como diz Fernando Pessoa: “Não me arrependo do que fui outrora / Porque ainda sou”.<sup>25</sup>

## **Belle époque**

Foi no carnaval de 1945. Para a geração moça, há quase um século, portanto. Depois do desfile das Escolas, eu dei a

madrugada por encerrada e me encaminhei para a Central do Brasil, a pé, passando pelo Dragão da Rua Largo, pelo Ministério da Guerra, pela passagem subterrânea.

Também confesso - ah, bons tempos - que eu havia bebido muito.<sup>26</sup>

Vivi num Rio que não existe mais, o que não é de todo muito natural. Paris existe há séculos, sem falar em Londres. Fui fazer a maioridade civil naquela então encantada cidade. Morei no Rio de 1941 a 1950. O que vale dizer: assisti ao rompimento com o Eixo, à volta da Força Expedicionária, à deposição de Getúlio, à eleição do general Dutra, ao fechamento do Partido Comunista e dos cassinos, à inauguração do Maracanã e ao fracasso da grande seleção de 1950. Na faculdade, entrosei-me com o movimento político estudantil. A meta era o combate à ditadura getuliana, ainda mais que estávamos lutando, nos campos da Europa, contra o nazi-fascismo. Tornei-me, por consequência, freqüentador da UNE, dos seus congressos agitados, dos seus movimentos de subversão ao regime espúrio e decadente.

Como militante da UNE, conheci pessoalmente Aduino Lúcio Cardoso, Hermes Lima, João Mangabeira, Carlos Lacerda, Café Filho, Hamilton Nogueira, Plínio Salgado, Luís Carlos Prestes, Carlos Marighela, Agildo Barata, entre tantos políticos que procuraram liderar os estudantes. Mais gente de esquerda do que de direita, certamente. Como sobrevivente do meu tempo de UNE, só ouço falar, de quando em vez, de Roberto Gusmão e de Severo Gomes.<sup>27</sup>

No meu tempo de estudante, quando a gente apanhava uma gripe que não desaparecia pelos processos normais, isto é, com os medicamentos da moda, o mais indicado mesmo era apelar para o assistente do professor.

E digo para o assistente, porque o propriamente dito era um ser pouco visto, quanto mais de contato assim popular. Professor catedrático, no meu tempo, era gente importante, que aluno só via em três situações: na aula inaugural, como presidente da banca da prova final, e no dia da formatura, caso fosse escolhido

Holdemar Menezes:...

paraninfo.<sup>28</sup>

Como tinha um primo clarinetista da Orquestra Fon Fon, tornei-me freqüentador também dos bastidores das rádios Nacional e Tupi, que possuíam os melhores cantores e atores de novelas. Primo Deoclides, muito bom instrumentista, medalha de ouro do Conservatório, possuía um largo conhecimento com o pessoal famoso da época. Assim, relacionei-me com Sílvio Caldas, Carlos Galhardo, Carolina Cardoso de Menezes, as irmãs Batista, Moreira da Silva, Zé Kéti, Cartola, Ataúlfo Alves, Araci de Almeida, chefes de orquestra como Severino Araújo, Napoleão Tavares e Chiquinho, entre tantos outros.<sup>29</sup>

Os jovens são passionais, o que não deixa de ser qualidade produtiva.<sup>30</sup>

Aquele foi o meu período de boêmia, de vadiagem, de estroinice. Eu não tinha dinheiro, mas primo Deoclides financiava tudo.

Alias, no Rio, tive mais dois primos formidáveis: Barbosa e Santos. Primo Barbosa era da polícia civil, e até carteira de investigador me arranjou. Com ela eu não pagava trem, cinema e futebol. E o primo Santos então! Era gerente de um restaurante português da Rua São José e matou-me a fome, como bom cristão, muitas vezes.<sup>31</sup> Esse assunto já deu samba e desenho animado. Isso, no meu tempo de estudante.<sup>32</sup>

O maestro Chiquinho, da Rádio Clube do Brasil, lançou um concurso que tinha a finalidade de descobrir um cantor revelação. Ele e o primo Deoclides insistiram para que eu me inscrevesse, pois, por influência deles, até poderia ser um dos finalistas... Fugi da arapuca, visto que eu não cantava nem em banheiro. Sabe quem ganhou o concurso? Veja só: Dolores Duran! Deus é justo. Mas, olha, falar das figuras humanas com quem convivi nos meus anos de Rio de Janeiro valeria muito mais que um volume de memórias. Isso deixaria de lado todas as atividades universitárias, que formam um mundo muito estranho. Falar dos colegas, dos professores, de aprendizagem hospitalar, das “enfermeiras”, haja tempo e espaço.<sup>33</sup>

Confesso - ah bons tempos - bebi muito.<sup>34</sup> O melhor será dormir, pois, após o sono, quase sempre.<sup>35</sup>

## **Hoepcke no cais do Caju**

É bom mexer com coisas do passado, ainda mais quando este passado está morno ainda, revela impressões de ontem. Impressões apenas adormecidas e nunca apagadas, e nunca defuntas. Aliás, a grande borracha do tempo dificilmente apaga: apenas amortece, hiberna, anestesia.<sup>36</sup>

Quando procuro analisar a minha opção pela Medicina, admito que a minha “vocação” veio do desejo de escapar do bridão paterno e das intolerâncias da Igreja Presbiteriana.<sup>37</sup>

Não havia doutores médicos na família, não havia convivência com serviços médicos que pudesse influenciar na decisão. Creio que foi mesmo o desejo de correr mundo. Na época, em plena Segunda Guerra Mundial, o Brasil entra-não-entra no conflito, não havia faculdade de Medicina no Ceará. Quem pretendia ser médico teria que optar por Belém, Recife ou Salvador. A grande maioria ia para Salvador, pelo prestígio que a Escola desfrutava, uma das melhores do País. Então, creio, inventei em ser médico como uma oportunidade para sair de casa. Só houve uma solução: ir estudar no Rio, pois teria o apoio de uma tia, irmã de meu pai, que morava em Bangu, e que foi uma pessoa muito especial na minha vida. E tal circunstância foi fundamental, pois meu pai, com enorme encargos familiares, não podia manter um candidato a doutor na Capital da República.

Terminado o curso médico, concluída a residência no Hospital da Gamboa, perdida a Copa do Mundo de 50, entendi que já era tempo de levar a vida a sério, como desejava a minha família no Ceará. Andei fuçando embaixadas, várias, no desejo de conseguir uma bolsa para o estrangeiro. Nada. A coisa não era fácil como hoje. Apareceu-me uma oportunidade na Argélia, que vi logo que não daria certo. Faria um cursinho de seis meses em Paris, de doenças tropicais, e depois seguiria para cumprir um

Holdemar Menezes:...

contrato de dois anos na Argélia. Então resolvi sair do Rio para qualquer lugar que surgisse. A primeira oportunidade que me apareceu, eu que já era plantonista do Hospital Gal. Vargas, pertencente ao IAPETEC, foi como cirurgião em São Francisco do Sul. Nem sabia onde ficava a cidade, mas, de pronto, aceitei a oferta e embarquei pelo “Hoepcke”, no Cais do Caju.<sup>38</sup> Vale a pena dizer que quem me conseguiu o emprego foi o Gal. Canrobert Pereira da Costa, Ministro da Guerra, em cartão enviado ao presidente daquele instituto, que era, ao mesmo tempo, presidente do Flamengo.<sup>39</sup>

Foi lá onde comecei minha vida profissional. Explico: foi a primeira cidade onde trabalhei depois de formado em Medicina, no Rio de Janeiro. Somente os motivos que me levaram a São Francisco do Sul dão uma noveleta.

Naquela cidade colonial, da qual não consigo me desligar sequer pela ficção, passei anos inesquecíveis. Anos de trabalho e de lazer, que ainda palpitam dentro de mim.

Em primeiro lugar, porque quando a gente é novo tudo é bom demais. Em segundo, porque foi onde passei meus primeiros anos de casado. Em terceiro lugar, porque foi onde encomendei meus três filhos.<sup>40</sup> Filho é aquele que a gente programa, deseja, quer, busca, combina, sonha, faz a dois.<sup>41</sup> A bem da verdade, por circunstâncias fora do meu desejo, apenas um nasceu lá. O primeiro é carioca e o segundo é dali da rodoviária: Maternidade Carlos Corrêa.

A filha é de São Chiquinho do Sul.<sup>42</sup>

Hoje, quando olho um dos meus filhos, nem posso acreditar que ele já foi tão levado. Representava a figura do mau escoteiro: duas más ações em cada meio hora. Agora, não, é um mocinho, preparando-se para entrar no ginásio. Mesmo assim, de vez em quando, toma umas atitudes esquisitas. Ontem, por exemplo, para ganhar uma aposta, levou um coice do cavalo do padeiro.

Também aquela é uma região em que cavalo nenhum suporta um beliscão.<sup>43</sup>

São Francisco do Sul é um marco na minha existência, tanto afetiva quanto profissional, familiar, política e literária. Foi um período muito bom, muito produtivo, muito divertido e muito feliz. Nem eu nem minha esposa possuíamos parentes na cidade, mas éramos tratados com tanta fraternidade que logo tínhamos legítimos amigos, e passamos a fazer parte da sociedade de forma integral. Lá curtimos inesquecíveis momentos de nossa vida.

São Francisco do Sul continua sendo o cenário de minha literatura. *A coleira de Peggy*, por exemplo, que foi o meu primeiro livro de ficção, trouxe-me na verdade, alguns aborrecimentos. Muitas pessoas se identificaram em personagens meus. Criou-me um ambiente de animosidade contra mim. Houve manifestações hostis no Rotary, no Lions, na Câmara de Vereadores, pois alguns entenderam que eu tivera a intenção de denegrir a cidade, de expor pessoas ao ridículo.

O tempo, que tudo apaga, encarregou-se de atenuar as incompreensões, de frear as emoções exaltadas. Continuo devendo a São Francisco do Sul um romance de verdade, que lhe faça justiça, que lhe forneça dimensão nacional.<sup>44</sup>

De qualquer forma, gente de São Francisco do Sul, se observarem bem, agora passado tanto tempo, verão que o pior personagem do livro sou eu mesmo. Sou eu o maior bandido, o maior contrabandista, o maior traído, pois o livro foi escrito na primeira pessoa. Será que nem o Celso viu isso?<sup>45</sup>

### **O meu destino estava visto**

Certa vez falávamos de morte, até porque éramos muito jovens e a morte se nos apresentava como um tema apenas filosófico, e Van Jafa recitou Fernando Pessoa: “E quando se vai morrer/ Lembrar-se de que o dia morre/ E que o poente é belo e é bela a noite que fica/ Assim é e assim seja”.

Oranice, rodando os cubos de gelo com o dedo, retrucou com outros versos de Pessoa: “Quando vier a primavera/ Se eu já estiver morto/ As Flores florirão da mesma maneira/ E as árvores

Holdemar Menezes:...

não serão menos verdes que na primavera passada/ A realidade não precisa de mim/ Sinto uma alegria enorme/ Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma”.

Eu não disse nada. Fiquei calado, apesar deles me instarem. Meu destino estava visto, era mesmo ser parteiro.<sup>46</sup>

Nunca me destinei a ser escritor. Nunca isso foi uma ambição minha. No ginásio, em verdade, cometi uns dois artigos e uns poucos contos, que foram publicados em revistas alternativas. Até ganhei um concurso, em, 1936, cujo prêmio foi o livro do conhecido biógrafo Vicente Themudo Lessa, *Maurício de Nassau, o brasileiro*. Ofertava o prêmio, que seria, obrigatoriamente, um livro, o pai do vencedor. Meu pai, então, todo vaidoso, tocou este pomposo autógrafa: “Ao meu filho Holdemar, para que o triunfo dos fortes lhe inspire uma conduta na vida, tornando-se destemeroso sem empáfias, tolerante sem renúncias e humildade sem fraquezas morais. Que faça da Liberdade um dogma, da Justiça um culto, da Honestidade uma lei e da Caridade a sua melhor virtude”. Meu pai, admito que ele teve muita influência em minha formação de escritor, embora ela tenha se manifestado tardiamente. Pratiquei alguns enganos literários na adolescência, no período de ginásio, porém só resolvi escrever muitos anos depois, já formado em Medicina e residindo nesta ilha do Desterro, aos 50 anos de idade, quando a maior parte dos escritores já são falecidos como detentores do Prêmio Nobel...<sup>47</sup>

Não há ninguém infenso a influência. Todos nós recebemos influências. Quem disser o contrário, não está falando a verdade. Cabe aos críticos, entretanto, descobrirem essas influências.<sup>48</sup>

Que eu me lembro, em criança, os livros infantis eram raros. Ler era uma ocupação de adultos. Entretanto, meu pai, como intelectual que era, conseguia, com o livreiro, o que existia na Capital ou sede da República. Tínhamos os contos traduzidos dos irmãos Grimm, os contos do dinamarquês Anderson e, posteriormente, os contos ou livros de Monteiro Lobato e a coleção do Tesouro da Juventude. Revista, só me recordo de uma de leitura obrigatória, a “Tico-Tico”. Não havia revistas em quadrinhos,

infelizmente. Era a literatura que me chegava às mãos, por orientação do velho Ezequiel Menezes.<sup>49</sup>

Minha avó materna, conhecida como Dona Aninha Parteira, era uma emérita contadora de histórias de troncoso. Após o jantar, se não havia novena, reunidos adultos e crianças, ela narrava, como uma profissional de teatro, com entonações de gestos, lindas histórias. De amor não correspondido, de cavalaria, de mistério, de assombração, de heróicos cangaceiros e de príncipes encantados.<sup>50</sup> Essas, sim foram “as minhas leituras” preferidas, as que vinham não dos poucos livros permitidos, mas da memória e da oralidade da Aninha Parteira. Isso no tempo em que os bichos falavam. No ginásio, aí sim, tomei conhecimento da literatura nacional e internacional, pois meu pai possuía uma grande biblioteca. A leitura era, na verdade, o único entretenimento disponível.<sup>51</sup>

Creio ter recebido influências de todos os bons escritores que tenho lido. É, a meu ver, um fato natural. Todos nós recebemos influências. Não há ninguém infenso a influência.<sup>52</sup>

Quando comecei a ler Kafka, há muitos anos atrás, nunca poderia imaginar que, num dia futuro, fosse capaz de tentar uma interpretação para sua obra e muito menos através dos seus componentes psicossociais. Levaram-me à leitura, que foi demorada, ruminante, repetida, as afirmativas de ser ele um autor difícil, complexo, que só podia ser compreendido por uns poucos iniciados nas sendas do absurdo e das mensagens subjetivas. Eu teria que penetrar no centro de uma grande parábola e de lá sair confuso, desorientado, liquidado.<sup>53</sup>

Foi uma experiência tímida. Necessitava de um livro para candidatar-me à Academia Catarinense de Letras, por influência de Iaponan Soares, de quem era professor na Faculdade de Educação, e que descobrira que eu, apesar de ser médico, sabia ler e escrever... Como na ocasião, eu estava relendo as obras traduzidas de Kafka, achei que poderia preparar um pequeno ensaio sobre os componentes psicossociais do controvertido autor. Foi o que aconteceu. Nunca valorizei o pequeno livro, como nunca o depreciei. Ele existe, cumpriu a finalidade. Claro que agora, vinte

Holdemar Menezes:...

anos após, eu seria capaz de escrever uma peça de melhor padrão, mais duradoura, capaz de afirmar-se como bibliografia. São os ossos do ofício, do aprendizado, do imediatismo.<sup>54</sup> Depois que ele foi publicado em 70, quem escreveu no país sobre Kafka citou o livro na bibliografia.<sup>55</sup>

O fundamental é a criação, o momento em que o artista se encontra consigo mesmo e constrói a sua ilha submersa. Isso, sim, é o importante. Publicar é secundário.<sup>56</sup>

Há uma preocupação muito grande do escritor nacional com o angustiante problema de como editar seus livros. Sobre isso já falaram jovens e velhos, ficcionistas e poetas. Para muitos a literatura é catarse, é muleta terapêutica, é fator de equilíbrio para sobreviver como ser normal. É atividade compulsiva, através da qual o escritor se mantém entre a realidade e o sonho, a sanidade e a loucura. Como diz Raul: evita que as agressões do dia-a-dia levem o indivíduo a terminar seus dias caçando coleirinha em São José.<sup>57</sup>

O mais difícil para um escritor é encontrar um editor, e isso eu consegui. Numa inversão total, quem me tem pedido o livro para publicar tem sido o editor. Fato raro nos tempos modernos.<sup>58</sup> Meu primeiro livro foi publicado em 1970.<sup>59</sup>

O meu livro *A Coleira de Peggy*, felizmente, foi premiado com o Prêmio Jabuti, um prêmio que, sem desmerecer os grandes escritores de Santa Catarina, é único no Estado. E é também um prêmio muito pouco doado aos escritores brasileiros, porque, até hoje, apenas 16 contistas o receberam. Eu poderia ter publicado mais, depois de *A Coleira de Peggy* (que é de 1972). No entanto, dada a responsabilidade do prêmio, ao invés de eu me apressar em publicar livros já prontos, essa responsabilidade me fez agir exatamente ao contrário: me frenaram, limitaram o desejo de aparecer, e me manietaram no sentido de rever tudo aquilo que tinha guardado nas gavetas.

A espera de seis anos não foi prejudicial. Ao contrário, acho que foi muito boa, essa espera. Ainda mais se considerar que já tenho aprovado mais um livro de contos para ser lançado por essa

mesma editora, no primeiro semestre do próximo ano, e um romance que será editado até o final do ano que vem.<sup>60</sup>

Quem se destina escrever está sempre escrevendo. Bem ou mal. Já entreguei à Codecri um livro de contos: *Os eleitos para o sacrifício*. Durante a Bienal do Livro, em São Paulo, entreguei também à Codecri, um romance - *A maçã triangular*. Trabalho, no momento, uma novela e tenho apanhado um pouco porque foge à minha temática. Não só na linguagem, como na forma. Mas, literatura é assim mesmo: é preciso garra, força e paciência para vencer estas dificuldades.<sup>61</sup> Eu só consigo escrever com música, especialmente depois que deixei de fumar.<sup>62</sup>

*A Maçã Triangular*, romance, publicado pela Editora Movimento, Porto Alegre, 1981, foi escrito antes de *A Coleira de Peggy* e *A Sonda Uretral*, livros de contos, para citar apenas os editados. Estava pronto e revisado em 1970. Poderia ter sido publicado logo em seguida, entretanto a publicação foi retardada por 11 (onze) anos. Além de ter havido restrições por parte de três editoras, antes de tudo, por influência de amigos, notadamente, prevaleceu a autocensura ditada pelo medo.

O romance foi escrito no curto período do Governo Costa e Silva, quando, em dado instante, acreditou-se na possibilidade de uma abertura democrática. Após a decretação do Ato Institucional nº 5, seguido que foi pelo Governo de repressão violenta do Presidente Médici, o medo voltou a imperar de forma total, alienante, neuratizante, como fora no Governo Castelo Branco.<sup>63</sup>

Classificaria *Sonda Uretral* como imperfeito. Se eu tivesse maior garra ele poderia ter sido melhorado. Mas fica para o próximo. Escrever é revelar demônios interiores ou, quem sabe, até acalmá-los. Diz Miller que é destilar o veneno que se acumulou durante anos.<sup>64</sup>

Toda literatura válida precisa ser autobiográfica, mas nem todos os escritores possuem a coragem da revelação. Você já leu Hermilo Borba Filho ou mesmo, mais importante ainda, Henry Miller? Não? Pois é uma pena: você iria gostar muito. Eles

Holdemar Menezes:...

souberam fazer literatura de alto valor artístico: Não perecível no tempo. E sabe por quê? Porque escreveram sobre eles mesmos.<sup>65</sup>

Quando a gente já escreveu alguma coisa, conto ou crônica, e essa alguma coisa já ultrapassou os limites atrofiantes da província, é um passatempo interessante ler o que os outros pensam da gente, dizem da gente, como interpretam o que a gente escreve.

De qualquer forma, há poucos dias, conhecido professor de letras da UFSC, analisando minhas crônicas, descobre em mim “um homem angustiado pela condição humana principalmente biológica”.<sup>66</sup>

A angústia é, sem dúvida, o meu tema preferido. Sobre ela, talvez, já tenha dito tudo quanto me permitiu a coragem. Uma grande parte, na verdade, sou obrigado a consumir em silêncio, como quem ruma no entardecer da existência, com aquela sensação de ter vindo apenas para receber o desamor. Ou para semear? <sup>67</sup>

O rótulo é um perigo, é marca feita com ferro em brasa, que permanece indelével e comprometedor para sempre. Entretanto, quase sempre - e é o meu caso - o ficcionista está comprometido apenas com a obra de arte, com o ato da criação.

Se o ficcionista desejasse participar do Processo, deixaria de sê-lo para tornar-se político militante, ensaísta, analista, sociólogo oficial, e o que mais tiver conotação. O ficcionista - e é aí que muitos não percebem - não pretende criar um simples retrato da realidade, porém dimensionar uma ilusão de realidade.

Camus, por ocasião do recebimento do Prêmio Nobel, declarou: “Se a Literatura se conformar com tudo aquilo que nossa sociedade exige, ela não passará, em sua grande parte, de um divertimento sem maior alcance. Teríamos uma Literatura de diletantes ou de gramáticos: em ambos os casos uma arte alienada da realidade de todos os dias”.<sup>68</sup>

O que importa, entretanto, é o processo criativo continua aderente ao homem, e ele vai modelando obras de arte, que são as que lhe dão grandeza, as que perduram através dos tempos. E

essa obra de arte é, às vezes, fruto do trabalho e da fé. Em outras, é uma manifestação de ódio, como diz João Antônio: “escrever é ir à forra!”<sup>69</sup>

De qualquer forma, é um grato passatempo a gente ler o que os outros dizem da gente. Sentir como a crítica é falha, superficial, eivada de chavões, sem nenhuma abordagem mais séria sobre o escritor e sua obra.

De resto, vale a pena citar no momento Ney Messias: “Em geral crítica, positiva ou negativa, é improcedente: só a gente sabe mesmo, com absoluta certeza, aquilo que é”.<sup>70</sup>

## Conclusão

Chego ao final da minha peroração com um sentimento de fracasso, por não ter tido engenho e arte para traçar o perfil do ilustre homem. Compensam-me, entretanto, o esforço e a intenção.

Não guardo a sensação de ter descoberto algo importante, de ter contribuído para a elucidação de novos fatos. Até nem mesmo quero admitir este pequeno texto como verdadeiro e original.

Assumo, no momento, apenas a atitude de quem se lança no mundo das contradições e das revelações pessoais, polêmicas, sem pretender gratidão ou louvores. Apenas uma tarefa executada. Nada mais.

Poderia ter lançado mão da análise de outros contos, outras entrevistas, outras crônicas ou mesmo de outros romances para lá retirar outros elementos de convicção, no sentido de sedimentar a minha. Isso me levaria, contrariando a intenção, ao aumento do presente texto. Poderia anexar outras citações, explorar mais demoradamente correspondências recebidas e emitidas e teria um volume mais completo, mais rico. Consegui, entretanto, fugir dessa tentação, pois a intenção foi de síntese.

Se o esforço, em algum momento, servir de contribuição ao estudo da obra e da vida de Holdemar Menezes, de elemento útil à compreensão de personalidade tão profícua, atingi a meta

## NOTAS

- 1 MENEZES, Holdemar. *A vida vivida*. p. 133.
- 2 AZEVEDO, Maria Helena. *Algumas reflexões sobre a construção biográfica*. p.687.
- 3 LEITE, Dante Moreira. *O amor romântico e outros temas*. p.25.
- 4 Ibid., p. 25.
- 5 MENEZES, Holdemar. *Os residentes*. p. 110.
- 6 MENEZES, Holdemar. *Kafka - o outro*. p.36.
- 7 MENEZES, Holdemar. *Os residentes*. p. 94.
- 8 MENEZES, Holdemar. *A vida vivida*, p.33.
- 9 MIGUEL, Salim. “Entrevista Holdemar Menezes”.
- 10 CARDOZO, Flávio José. *Holdemar Menezes: estudo biográfico*. p. 4.
- 11 MIGUEL, Salim. “Entrevista Holdemar Menezes”.
- 12 CARDOZO, Flávio José. *Holdemar Menezes: estudo biográfico*. p. 4.
- 13 Ibid., pp. 4-5.
- 14 MENEZES, Holdemar. *O barco naufragado*. p. 60.
- 15 CARDOZO, Flávio José. *Holdemar Menezes: estudo biográfico*. p. 4-5.
- 16 MENEZES, Holdemar. *A coleira de Peggy*. p. 58.
- 17 CARDOZO, Flávio José. *Holdemar Menezes: estudo biográfico*. p. 5.
- 18 MIGUEL, Salim. “Entrevista Holdemar Menezes”.
- 19 “Eu: réu confesso”. In *Jornal de Santa Catarina*. 26 de out. 1980, p. 14.
- 20 MENEZES, Holdemar. *A vida vivida*. p. 34.
- 21 Ibid., p. 40.
- 22 Ibid., p. 27.
- 23 Ibid. p. 51.
- 24 Ibid. p. 33.
- 25 Ibid. p. 53.
- 26 Ibid. p.154.
- 27 CARDOZO, Flávio José. *Holdemar Menezes: estudo biográfico*. p. 6.
- 28 MENEZES, Holdemar. *A vida vivida*. p. 143.
- 29 CARDOZO, Flávio José. *Holdemar Menezes: estudo biográfico*. p. 6.
- 30 MENEZES, Holdemar. *Os residentes*. p. 29.

- 31 CARDOZO, Flávio José. *Holdemar Menezes: estudo biográfico*. p. 6.
- 32 MENEZES, Holdemar. *O barco naufragado*. p. 29.
- 33 CARDOZO, Flávio José. *Holdemar Menezes: estudo biográfico*. p. 6.
- 34 MENEZES, Holdemar. *A vida vivida*. p. 154.
- 35 MENEZES, Holdemar. *A maçã triangular*. p. 109.
- 36 MENEZES, Holdemar. *A vida vivida*. p. 39.
- 37 MIGUEL, Salim. “Entrevista Holdemar Menezes”.
- 38 CARDOZO, Flávio José. *Holdemar Menezes: estudo biográfico*. p. 6-7.
- 39 MIGUEL, Salim. “Entrevista Holdemar Menezes”.
- 40 MENEZES, Holdemar. *A vida vivida*. p. 46.
- 41 MENEZES, Holdemar. *Os residentes*. p. 23.
- 42 MENEZES, Holdemar. *A vida vivida*. p. 46.
- 43 MENEZES, Holdemar. *O barco naufragado*. p. 44.
- 44 CARDOZO, Flávio José. *Holdemar Menezes: estudo biográfico*. p. 7.
- 45 MENEZES, Holdemar. *A vida vivida*. p. 48
- 46 Ibid, p.40.
- 47 CARDOZO, Flávio José. *Holdemar Menezes: estudo biográfico*. p. 5-8.
- 48 *A ponte*. Nov. de 1979. p. 9.
- 49 CARDOZO, Flávio José. *Holdemar Menezes: estudo biográfico*. p. 5.
- 50 MIGUEL, Salim. “Entrevista Holdemar Menezes”.
- 51 CARDOZO, Flávio José. *Holdemar Menezes: estudo biográfico*. p. 5.
- 52 *A ponte*. Nov. de 1979. p. 9
- 53 MENEZES, Holdemar. *Kafka - o outro*. p. 7.
- 54 CARDOZO, Flávio José. *Holdemar Menezes: estudo biográfico*. p. 6.
- 55 *Desterro*. A mesa redonda do Desterro.
- 56 MENEZES, Holdemar. *O barco naufragado*. p. 34.
- 57 MENEZES, Holdemar. *A vida vivida*. p. 24-25.
- 58 Ibid. p. 38.
- 59 *A ponte*. Nov. de 1979. p. 9.
- 60 SILVÉRIO, Bento. “Depoimento”. p. 117.
- 61 MELLO, Maria Amélia. “Holdemar Menezes: sindicalização virá mesmo contra a nossa prguiça”.
- 62 MENEZES, Holdemar. *Os residentes*. p. 96.
- 63 “Depoimento”. In: Holdemar Menezes: *Literatura e resistência*.
- 64 *Desterro*. A mesa redonda do Desterro.

### Holdemar Menezes:...

65 *A ponte*. Nov. de 1979. p. 9.

66 MENEZES, Holdemar. *Os residentes*. p.100.

67 MENEZES, Holdemar. *A vida vivida*. p. 31-32.

68 MENEZES, Holdemar. *O barco naufragado*. p. 61.

69 MENEZES, Holdemar. *A vida vivida*. p. 38.

70 *Ibid.*, p. 32.

71 Devo confessar que as palavras desta conclusão são de Holdemar. Optei pelo atrevimento, fiz delas as minhas, guardadas as proporções, assim como as alterações.

## **BIBLIOGRAFIA**

AUTOR Catarinense, O. *A ponte*, primeira semana de 1979.

AZEVEDO, Maria Helena. *Algumas reflexões sobre a construção biográfica*. In.: *Literatura e diferença / IV Congresso ABRALIC (Anais)* São Paulo: ABRALIC, 31 a 3 de agos. 1994.

CARDOZO, Flávio José (Coor.) *Holdemar Menezes: estudo bibliográfico*. Florianópolis: FCC, 1993. 24 p.

DEPOIMENTO, Holdemar Menezes fala do seu romance a Maçã Triangular. In: MIGUEL, Salim, SOARES, Iaponan. (Org.) *Holdemar Menezes: literatura e resistência*. Florianópolis: Ed. da UFSC/Lunardelli, 1992.

LEITE, Dante Moreira. *O amor romântico e outros temas*. São Paulo: Nacional/ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

MIGUEL, Salim. Entrevista Holdemar Menezes. In: MIGUEL, Salim, SOARES, Iaponan. (Org.) *Holdemar Menezes: literatura e resistência*. Florianópolis: Ed. da UFSC/Lunardelli, 1992

MENEZES, Oliveira de. *Kafka: o outro*. Porto Alegre: Flama, 1970.

—. Eu: réu confesso. In: *Jornal de Santa Catarina*, Blumenau, 26 de out. 1980.

—. *A coleira de Peggy*. Porto Alegre: Movimento, 1972.

—. *O barco naufragado*. Florianópolis: Governo do estado, 1976.

—. *Sonda uretral*. Rio de Janeiro: Codecri, 1978

MENEZES, Holdemar Oliveira de, OLIVEIRA, Arthur Pereira e. *Discurso na Academia Catarinense de Letras*. Florianópolis:

Academia Catarinense de Letras, 1981.

MENEZES, Holdemar . *A maçã triangular*. Porto Alegre: Movimento, 1981.

— . *Os residentes*. Porto Alegre: Movimento, 1982.

— . *A vida vivida*. Florianópolis: UFSC/Lunardelli, 1983. .

— . *Os eleitos para o sacrifício*. Porto Alegre: Movimento, 1983

MELLO, Maria Amélia. *Holdemar Menezes: sindicalização virá mesmo contra a nossa preguiça*. Suplemento da Tribuna ( Recorte de jornal, sem local e data).

MESA redonda do Desterro, A. *Desterro*, Jornal Catarinense de Cultura, Florianópolis, n. 2, out. 1976.

SILVÉRIO, Bento. Depoimento. In: MIGUEL, Salim, SOARES, Iaponan. (Org.) *Holdemar Menezes: literatura e resistência*. Florianópolis: Ed. da UFSC/Lunardelli, 1992.